

ASPECTOS DO SIMBOLISMO E DA INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA PRESENTES NA OBRA *O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA*

Elisiane de Lima Pereira Feitosa¹

Luís Carlos da Silva de Sousa²

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar o livro *The Lion, the Witch and the Wardrobe* (*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*), de C. S. Lewis (1898-1963), publicada em 1950, com foco nos aspectos do simbolismo e da intertextualidade bíblica, presentes na narrativa, buscando identificar como os elementos sagrados e morais contidos na obra são articulados com temas centrais do cristianismo ou fazem alusão direta ou indiretamente à Bíblia. A investigação justifica-se pela relevância da obra no campo da literatura fantástica e pela forte influência da fé cristã na construção narrativa desenvolvida pelo autor. A metodologia adotada consistiu em uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza explicativa e de caráter bibliográfico. O livro analisado constituiu a principal fonte de pesquisa, sendo interpretado à luz dos conceitos de simbolismo de autores como Stéphane Mallarmé (1842-1898) e Paul Valéry (1871-1945), além de teorias sobre intertextualidade e literatura comparada. Também foram estabelecidas comparações entre a narrativa de Lewis e textos da Bíblia protestante, permitindo identificar referências e aproximações entre os elementos literários e religiosos. Os resultados demonstraram que a obra apresenta uma forte presença de elementos simbólicos e bíblicos, especialmente em figuras como o manjar turco e o sacrifício de Aslam, os quais representam questões morais e espirituais amplamente consolidadas no cristianismo. Conclui-se que a narrativa de Lewis ultrapassa o entretenimento fantástico, revelando significados religiosos e simbólicos que ampliam a interpretação da obra.

Palavras-chave: Simbolismo. Intertextualidade. Bíblia. Literatura Comparada.

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the book *The Lion, the Witch and the Wardrobe*, published in 1950, by C. S. Lewis (1898-1963), with a focus on the aspects of symbolism and biblical intertextuality present in the narrative, seeking to identify how the sacred and moral elements contained in the work are articulated with central themes of Christianity or directly or indirectly allude to the Bible. The research is

¹ Graduanda do curso de Letras – Língua Inglesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. E-mail: elisianepereira155@gmail.com

² Doutor em História da Filosofia pela PUC-SP (2009-2011) e mestre em Filosofia Contemporânea pela UFC (1999-2001). Atualmente é professor efetivo da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE). E-mail: lcarlossousa@unilab.edu.br

justified by the relevance of the work in the field of fantasy literature and by the strong influence of Christian faith on the narrative construction developed by the author. The methodology adopted consisted of qualitative research, with an explanatory and bibliographic approach. The book analyzed was the main source of research, interpreted in light of the concepts of symbolism by authors such as Stéphane Mallarmé (1842-1898) and Paul Valéry (1871-1945), as well as theories on intertextuality and comparative literature. Comparisons were also established between Lewis's narrative and texts from the Protestant Bible, making it possible to identify references and approximations between literary and religious elements. The results showed that the work presents a strong presence of symbolic and biblical elements, especially in figures such as the Turkish delight and Aslan's sacrifice, which represent moral and spiritual issues widely established in Christianity. It is concluded that Lewis's narrative goes beyond fantasy entertainment, revealing religious and symbolic meanings that broaden the interpretation of the work.

Keywords: Symbolism. Intertextuality. Bible. Comparative Literature.

1 INTRODUÇÃO

Há algumas décadas, as obras do escritor irlandês Clive Staples Lewis (1898-1963) têm ganhado destaque no mundo acadêmico, despertando o interesse de pesquisadores na análise de seus escritos, os quais, em sua maioria, voltam-se para temáticas teológicas e fantásticas, consolidando-o como um autor amplamente conhecido nas áreas supracitadas, tendo a série *As Crônicas de Nárnia* como uma de suas obras mais célebres. C. S. Lewis foi um escritor irlandês profundamente marcado por sua fé cristã, especialmente após sua conversão na década de 1930. Essa dimensão espiritual permeia grande parte de sua obra, tanto em textos explicitamente teológicos quanto em sua produção ficcional.

O livro analisado neste estudo é intitulado *The Lion, the Witch and the Wardrobe* (*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*), publicado em 1950, sendo que a versão utilizada será a publicada em *As Crônicas de Nárnia*, lançado pela Editora WMF Martins Fontes em 2009 com tradução de Silêda Steuernagel e Paulo Mendes Campos. A obra citada consiste numa série literária do autor e tem uma forte ligação com o cristianismo, visto que o próprio Lewis afirmou em uma de suas cartas que as narrativas de Nárnia foram concebidas como uma construção imaginativa que reflete, em forma simbólica, os elementos centrais da história cristã (Lewis, 1988). Desse modo, torna-se evidente a relação direta entre a obra e a fé do escritor, relação esta que fundamentará a presente análise.

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar o simbolismo e a intertextualidade bíblica no livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, visando identificar como elementos sagrados e morais presentes na obra são articulados com temáticas do cristianismo ou fazem alusão direta ou indireta à Bíblia.

Com base no exposto, delimita-se como objeto deste artigo a investigação dos elementos simbólicos e das referências intertextuais à Bíblia protestante, presentes na narrativa, concentrando a análise em imagens recorrentes como o inverno permanente, o manjar turco, o sacrifício e a ressurreição de Aslam.

A partir desse recorte, formula-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira os símbolos e as alusões bíblicas desenvolvidas por C. S. Lewis no livro *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*, à luz da estética simbolista e da literatura comparada, contribuem para a construção de sentidos teológicos e morais na narrativa fantástica em estudo?

Diante disso, a justificativa para a elaboração desta pesquisa decorre da relevância de se apresentar uma análise aprofundada da obra, considerando dois de seus aspectos mais marcantes: o simbolismo e a intertextualidade bíblica. Esta pesquisa, portanto, pode contribuir no sentido de explicitar elementos simbólicos presentes na obra de C. S. Lewis, com base nas concepções de simbolismo formuladas por Stéphane Mallarmé (1842-1898) e Paul Valéry (1871-1945), e a partir da análise da intertextualidade bíblica, à luz da definição de Literatura Comparada proposta por Henry Remak (1916-2009).

2 METODOLOGIA

O presente trabalho busca analisar a obra *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, de Clive Staples Lewis, tendo como elementos principais de análise os aspectos simbólicos e a intertextualidade bíblica, que são características marcantes da obra. Para a formulação desta análise, adotou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza explicativa, tendo em vista o caráter analítico do projeto. Além disso, a pesquisa possui cunho bibliográfico, utilizando a referida obra como fonte primária, sendo analisada sob a ótica do simbolismo definido por Paul Valéry e

outros teóricos, em diálogo com outros escritos do próprio Lewis e com elementos do cristianismo comparados à Bíblia³ protestante.

Para a construção desta análise, definiu-se inicialmente o objetivo geral a ser alcançado com a pesquisa, em seguida, foi feita a releitura da obra, visando um entendimento mais aprofundado e a identificação dos elementos de análise proposto neste estudo.

Posteriormente, realizou-se o levantamento e a seleção de referencial teórico, fundamentando a análise no objetivo geral de investigar a intertextualidade bíblica e o simbolismo na obra de Lewis. A etapa analítica buscou identificar a articulação de elementos sagrados e morais na narrativa, utilizando a literatura comparada e os conceitos de Mallarmé para interpretar os símbolos e as alusões bíblicas presentes no texto.

A partir desse percurso metodológico, propõe-se uma releitura da obra de C. S. Lewis, fundamentada em pressupostos de teóricos reconhecidos no meio acadêmico, os quais oferecem suporte essencial à construção desta pesquisa. Com isso, buscamos evidenciar e analisar a presença marcante de elementos simbólicos e de referências à literatura bíblica que permeiam de maneira significativa sua obra.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A leitura de textos que apresentam camadas simbólicas exige uma atenção especial aos elementos que ultrapassam o sentido literal. O simbolismo se destaca como um recurso fundamental, pois permite que determinados aspectos da narrativa representem ideias mais amplas, associadas a valores culturais, morais e religiosos. Assim, o texto se constrói não apenas pelo que é dito de forma direta, mas também pelos significados sugeridos por meio de imagens e associações.

Além disso, a presença de referências ao universo bíblico constitui um elemento central para a compreensão da obra. Essas referências não se configuram de maneira indireta ou meramente sugestiva, mas estabelecem uma relação clara e intencional com narrativas e princípios presentes na tradição bíblica. Por meio de personagens, acontecimentos e estruturas simbólicas, o texto retoma e reelabora

³ Os textos bíblicos mencionados foram extraídos da Nova Versão Transformadora – NVT. Com base nisso, optou-se pelo sistema de referência comumente usado para a Bíblia, no qual é mencionado o nome do livro, capítulo e versículo, sendo que a obra completa encontra-se nas referências.

conteúdos já consolidados, evidenciando um diálogo direto com esse repertório religioso.

Dessa forma, a análise proposta considera o simbolismo como um elemento relevante para a construção de sentidos no texto, permitindo identificar como determinadas imagens e representações contribuem para a organização da narrativa e para o aprofundamento de seus significados. Essa perspectiva favorece uma leitura mais ampla, voltada para a identificação de elementos que ampliam a compreensão do conteúdo.

A partir dessas considerações iniciais, torna-se possível avançar para uma análise mais específica dos aspectos que estruturam essa relação, direcionando o olhar para elementos centrais que serão examinados a seguir.

3.1 Aspectos do simbolismo

O simbolismo é um movimento literário e artístico que se iniciou no final do século XIX, principalmente na França. Em oposição ao realismo e ao naturalismo, que apresentam tudo de forma objetiva, o simbolismo busca apresentar a realidade de forma simbólica, por meio de símbolos, imagens e musicalidade. Alguns dos principais expoentes do simbolismo são Stéphane Mallarmé e Paul Valéry, entre outros.

O simbolismo surge devido à recusa da linguagem direta e explicativa, pois, para ele, a força da linguagem poética está mais na sugestão do que na nomeação direta, porque o mistério amplia a experiência do leitor (Mallarmé, 2010), ou seja, o uso de símbolos é uma maneira de permitir aos leitores tirarem suas próprias conclusões do que lhes é apresentado, podendo fazer uso de sua imaginação para interpretar algo que o autor deixa em aberto.

Na obra em questão, Lewis constrói a narrativa por meio da sugestão simbólica, pois o leitor compreende o funcionamento moral e espiritual daquele universo a partir das imagens, por exemplo o inverno, o manjar turco, sacrifício, o leão e a restauração. Outro autor que corrobora esse entendimento é Paul Valéry (1999), pois, de acordo com ele, o símbolo não transmite significados de forma direta, mas estimula múltiplas interpretações, querendo dizer com isso que os símbolos sugerem algo e o seu sentido não se impõe, mas está sujeito a novas interpretações, devido às variações de seus significados.

O símbolo pode ser caracterizado por sua capacidade de exceder o sentido imediato, apontando para dimensões mais profundas da experiência e da significação (Ricoeur, 1978). Essa propriedade é particularmente relevante para a compreensão da intertextualidade bíblica no simbolismo, na medida em que os elementos de origem religiosa não se esgotam em sua dimensão referencial, mas apontam para significados mais amplos e abstratos. Ao incorporar tais símbolos, a estética simbolista intensifica essa dinâmica de transcendência semântica, favorecendo uma leitura baseada na sugestão e na abertura interpretativa, conforme será demonstrado nos exemplos a seguir.

Outrossim, um exemplo de simbolismo presente na obra é o manjar turco que a Feiticeira oferece para Edmundo. Na cena em questão, ela oferece uma bebida quente para Edmundo, em razão do frio que ele estava sentindo, e para acompanhar a bebida, ela lhe pergunta o que o garoto gostaria de comer, então ele pede um manjar turco. Em seguida, ela lhe entrega uma caixa contendo alguns quilos do alimento, e no livro é dito que quanto mais o menino comia, mais tinha vontade de comer, tanto que o desejo não cessava.

Edmundo parecia estar sob efeito de dependência e embriaguez causados pelo alimento, a ponto de não se importar em dar tantas informações pessoais para a Feiticeira Branca, sem sequer se questionar sobre o motivo das perguntas. Quando acabou todo o manjar da caixa, ele esperava que ela lhe desse mais. A rainha sabia que quem provasse do alimento encantado ficaria querendo mais e mais, chegando a comer tanto que estouraria a barriga. Por isso, ela propôs que ele trouxesse os seus três irmãos para o mundo de Nárnia (dois dos três sequer sabiam da existência de tal mundo), para efetuar o seu plano de matar as quatro crianças. Em troca, daria mais manjar para ele. Só que, dessa vez, ele teria que ir para a casa dela. O que antes ele temia, que ela o levasse para um lugar desconhecido, agora já nem lembrava mais, tamanho era o desejo de comer mais daquela comida. Depois de uma conversa com a rainha, que lhe explicou onde ele a encontraria, o garoto insistiu novamente em receber mais manjar turco da mulher. Porém, ela não o atendeu e lhe disse para esperar até que voltasse (Lewis, 2009, p.117-118).

Desse modo, é possível perceber que o doce nunca satisfaz plenamente, o que produz uma dependência contínua. Isso representa o prazer enganoso e ilusório que aprisiona o ser humano, tornando-o escravo do pecado, com impulsos constantes e desejos insaciáveis, os quais são bastante recorrentes em textos bíblicos.

Essa perspectiva é corroborada por Xavier (2022), que analisa o manjar turco como um símbolo do prazer ilusório que, embora momentaneamente atraente, conduz à escravidão moral, refletindo a concepção cristã do pecado como uma armadilha. Uma passagem que apresenta isso está em uma das cartas escritas pelo apóstolo Pedro:

Cometem adultério com os olhos e abrigam um desejo insaciável de pecar. Seduzem os instáveis e são bem treinados na ganância. Vivem sob maldição. [...] Prometem liberdade, mas eles mesmos são escravos da corrupção. Pois cada um é escravo daquilo que o controla (2 Pedro, 2:14,19).

Os versículos citados referem-se à condição dos ímpios (pessoas sem Jesus), descritos como aqueles que “abrigam um desejo insaciável de pecar”. Além disso, embora prometam liberdade, eles próprios são escravos da corrupção, isto é, vivem presos e dominados pelo pecado, em função de sua prática contínua.

Além disso, a Bíblia também apresenta outros textos que retratam essa questão de aprisionamento pelo pecado, por exemplo, o versículo na carta de Paulo aos romanos: “Contudo, há outra lei dentro de mim que está em guerra com minha mente e me torna escravo do pecado que permanece dentro de mim.” (Romanos, 7:23), e ainda “Acaso o etíope pode mudar a cor de sua pele? Pode o leopardo tirar suas manchas? De igual modo, você é incapaz de fazer o bem, pois acostumou a fazer o mal” (Jeremias, 13:23), em ambos os textos é notável a situação das pessoas em relação ao pecado, que é um estado de prisão. No contexto da passagem de Jeremias, é descrito que os ímpios (que já estão habituados a fazer o mal) não conseguem desvencilhar-se de sua maldade, pois já estão habituados a isso, e se tornaram dependentes, não podendo mudar o curso de sua vida ímpia.

Em relação à insaciabilidade sentida por Edmundo quanto ao seu desejo pelo manjar, é possível refletir sobre essa questão, utilizando a percepção do filósofo francês Jean Baudrillard (1995) que afirmava que a lógica do consumo está ligada a desejos que se renovam constantemente, impedindo uma satisfação definitiva.

Em outras palavras, os desejos humanos tendem à repetição e ao vazio, exatamente como o manjar turco é representado no conto. O próprio Lewis apresenta um entendimento semelhante ao escritor supracitado, pois ele argumenta que a entrega contínua a desejos desordenados tende a enfraquecer a capacidade de satisfação, tornando o indivíduo cada vez mais dependente deles (Lewis, 2017).

Para o autor, o pecado é como um processo de crescimento da dependência acompanhada de esvaziamento, assim como o pecado é apresentado na Bíblia, escrito por Salomão, onde se afirma que “Quem ama ao dinheiro nunca terá o suficiente. Quem ama a riqueza nunca se satisfará com o que ganha. Não faz sentido, viver desse modo.” (Eclesiastes, 5:10).

Na Bíblia, o amor ao dinheiro é tido como um pecado cuja consequência é tornar-se um desejo desenfreado e, assim como os demais autores citados anteriormente, esse desejo não satisfaz o ser humano, pois o indivíduo está sempre à procura de mais, sem que jamais se sinta saciado, como também destaca o rei Salomão, “Como a Morte e a Destruição nunca se satisfazem, assim os desejos do homem nunca são saciados.” (Provérbios, 27:20). Este versículo se refere ao desejo pecaminoso, e é muito claro quanto à insatisfação existente no ser humano, assim como Edmundo também sente em relação ao manjar, pois apesar de comer em excesso, a quantidade não foi suficiente para saciar seu desejo.

Outro exemplo de simbolismo encontrado no livro é o inverno eterno de Nárnia, sintetizado na expressão “sempre inverno e nunca natal” (Lewis, 2009, p. 110). Esta frase foi dita pelo personagem Tumnus (um fauno, amigo de Lúcia, uma dos quatro irmãos) culpabilizando a Feiticeira Branca pelo inverno ser sempre assim, pois segundo este personagem, a Feiticeira é alguém má, e a única responsável por esse período gelado, e que parece não ter fim. A Feiticeira Branca impôs esse inverno eterno em Nárnia como uma forma de tyrannizar e controlar o reino, garantindo que seus habitantes vivessem sob medo, opressão e dependência. Esse frio servia para suprimir qualquer chance de rebelião e simbolizava a morte e a ausência da vida e esperança que retornariam com Aslam. Conforme defende Rocha (2022), o inverno imposto pela Feiticeira não é apenas uma condição climática, mas um símbolo do estado de pecado e da ausência de Deus, representando um mundo espiritualmente congelado e sem esperança.

Bachelard (1991), Do ponto de vista simbólico, afirma que o frio pode ser interpretado como uma imagem de suspensão da vida, portanto, o inverno imposto por ela representa a suspensão do ciclo natural, pois a natureza, que deveria passar por renovação, permanece congelada em um estado de imobilidade. Ao proibir o Natal, ela impedia simbolicamente o nascimento da esperança e a celebração da vida, mantendo Nárnia em um estado de estagnação.

Seguindo nesta mesma linha, o autor Mircea Eliade (1992) fala sobre as narrativas míticas, sendo uma delas o tempo sagrado, o qual, para ele, representaria o ciclo natural das coisas, no caso do livro, esse ciclo seria inverno, primavera e, então, natal. Todavia, o inverno eterno de Nárnia representa uma ruptura do tempo sagrado, pois, não podendo alcançar a primavera (por consequência não podendo chegar o natal, que simboliza nascimento, luz e restauração), esse ciclo é bloqueado pela Feiticeira Branca, no momento em que ela instala esse inverno perene, e, por conta disso, permanecendo o reino em uma fase de estagnação.

E ao homem declarou: Uma vez que você deu ouvidos à sua mulher e comeu da árvore cujo fruto ordenei que não comesse, maldita é a terra por sua causa; por toda a vida, terá muito trabalho para tirar da terra seu sustento. Ela produzirá espinhos e ervas daninhas, mas você comerá de seus frutos e grãos (Gênesis, 3:17,18).

Ou seja, a terra está sob maldição depois do pecado, assim como Nárnia estava, por conta do inverno instalado pela Feiticeira Branca. O pecado não afeta apenas o indivíduo, mas toda a ordem criada. Essa ideia reaparece na Bíblia, na carta escrita por Paulo aos Romanos: “Toda a criação, não por vontade própria, foi submetida por Deus a uma existência fútil, na esperança de que, com os filhos de Deus, a criação seja gloriosamente liberta da decadência que a escraviza.” (Romanos, 8:20-21). Do mesmo modo que as Escrituras revelam uma criação que sofre por conta do pecado, Nárnia torna-se um mundo paralisado, incapaz de florescer plenamente.

O Natal, na tradição cristã, marca a encarnação de Cristo e o início da redenção do mundo; sua ausência indica que Nárnia permanece sob domínio do mal. Essa relação entre natureza e condição espiritual aparece não somente nos textos mencionados anteriormente, mas, em Isaías, por exemplo, a restauração do povo de Deus é descrita por imagens de transformação da paisagem: “As regiões desabitadas e o deserto exultarão; a terra desolada se alegrará e florescerá como o açafraão” (Isaías, 35:1). Neste versículo, é possível notar a restauração que é prometida à terra, o que também se observa em *As Crônicas de Nárnia*, quando Aslam retorna à Nárnia, o gelo começa a derreter.

Esse momento não é apenas narrativo, mas profundamente simbólico, pois o degelo representa o retorno do fluxo da vida e a primavera simboliza renascimento e transformação. Gonçalves (2015) destaca que a restauração da natureza com a chegada de Aslam é um intertexto direto com as profecias bíblicas de renovação, onde

a vitória sobre o mal se manifesta fisicamente na paisagem, simbolizando a restauração da ordem divina.

Além disso, muitas narrativas literárias se estruturam a partir de um padrão simbólico em que a passagem do inverno para a primavera representa a superação de um estado de esterilidade e a restauração da vida (Frye, 2014). E é exatamente isto que ocorre no enredo da obra, pois, com a volta de Aslam e com o estabelecimento da primavera novamente, anuncia-se um renovo trazido com a chegada do Leão, restaurando a luz e o brilho àquele lugar, o que dialoga com o apresentado em *Cristianismo Puro e Simples* (2017), no qual Lewis apresenta Cristo como agente da restauração da natureza humana corrompida pelo mal, ideia que se aproxima simbolicamente da atuação de Aslam em Nárnia, durante o momento em que está de volta naquele lugar.

Assim, a narrativa apresenta diferentes manifestações do simbolismo, interpretadas com base nos teóricos da área e nas concepções do próprio Lewis, o que evidencia a importância desse recurso na obra.

3.2 Aspectos da intertextualidade bíblica

Para evidenciar a presença de aspectos da intertextualidade bíblica na obra de Lewis, utilizou-se a Literatura Comparada para estabelecer os exemplos no livro. A Literatura Comparada teve início na França, por volta de 1830 (Jeune, 1994). Todavia, ela foi transformada em uma disciplina do curso de letras no Brasil somente em 1961, trazida pelo sociólogo e crítico literário brasileiro Antônio Candido.

Ao tratar do alcance e da natureza da literatura comparada, Henry Remak oferece uma definição ampla do campo, de acordo com o autor:

A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música), a filosofia, a história, as ciências sociais (por exemplo, a política, a economia, a sociologia), as ciências, a religião etc. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (Remak, 1994, p. 175).

Sendo assim, nota-se a vasta atuação dessa literatura, que se propõe a estudar e comparar os elementos de diversas culturas e gêneros textuais, possibilitando a identificação de diferenças e semelhanças entre obras, religiões e

outros campos do saber. Nesse viés, Xavier (2022) ressalta a importância da Literatura Comparada como ferramenta basilar para a análise da intertextualidade na obra analisada, pois permite investigar o processo de construção literária de Lewis ao recriar narrativas do texto bíblico em seu universo fantástico.

Portanto, por intermédio da Literatura Comparada, é possível traçar semelhanças e diferenças entre obras; no caso desta pesquisa, o foco recai sobre o reconhecimento das referências feitas por C.S. Lewis em relação à literatura bíblica. Tudo isso com o intuito de atingir o objetivo proposto, possibilitando uma visão detalhada sobre as características cristãs que constituem o livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*.

Em relação à intertextualidade bíblica presente na obra, ela está muito presente nos livros e obras de diversos autores, seja de forma explícita ou implícita. Segundo a filósofa e linguista francesa Julia Kristeva (2005, p.68), a intertextualidade é definida da seguinte forma: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade.” Sendo assim, para Kristeva, a intertextualidade se caracteriza como a relação entre textos, de forma que passamos a perceber a referência de textos em outros, seja por meio de personagens, enredos, símbolos ou qualquer outro aspecto que está inserido em um texto e que pode ser notado em outro, de modo que seja possível entender que há uma relação entre ambos.

Sabendo que intertextualidade é o diálogo de um texto com outro, podemos estabelecer e identificar alguns elementos da intertextualidade bíblica, presentes no livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, sendo reconhecidos através da comparação da obra com a Bíblia protestante.

Um exemplo que podemos destacar é a cena da morte substitutiva de Aslam, em que ele morre voluntariamente no lugar de Edmundo. Após a traição de Edmundo, cuja vida passa a pertencer por direito à Feiticeira Branca segundo as leis antigas de Nárnia, Aslam oferece-se voluntariamente em seu lugar.

Em um gesto de entrega silenciosa, Aslam decide assumir a culpa do traidor, mesmo sendo inocente. Durante a noite, longe dos demais, Ele caminha até a Colina da Mesa de Pedra, acompanhado apenas por Susana e Lúcia, que observam, angustiadas, sem compreender plenamente o que está prestes a acontecer. Ali, o leão é cercado pelas forças da Feiticeira, humilhado, ridicularizado e amarrado sem

resistência. Sua postura é de aceitação, pois ele se submete ao sofrimento por vontade própria, em um ato de amor sacrificial. Sobre a Mesa de Pedra, Aslam é morto pela Feiticeira, que acredita ter triunfado definitivamente.

No entanto, o que parece ser derrota revela-se parte de um plano mais profundo. Ao amanhecer, a mesa se parte e Aslam retorna à vida, explicando que uma magia mais antiga, anterior às leis invocadas pela maga, determina que, quando um inocente se oferece voluntariamente no lugar de um culpado, a morte recua e perde seu poder. Essa cena estabelece um claro paralelo com a morte sacrificial de Jesus pelos pecadores, apresentada nos livros de Mateus, Lucas e João, sobretudo no que diz respeito a entrega voluntária e à vitória final sobre a morte (Lewis, 2009, p.168-175).

Na Bíblia, é possível perceber todos esses elementos. No que concerne a entrega voluntária, Jesus é descrito como inocente, mas, ainda assim, aceita seu destino de forma consciente e voluntária. No Evangelho de João, Jesus afirma que “O Pai me ama, pois sacrifico minha vida para tomá-la de volta. Ninguém a tira de mim, mas eu mesmo a dou.” (João, 10:17,18), ou seja, essa disposição em se entregar espontaneamente é explícita.

No que se refere quanto a se oferecer em lugar do outro, assim como Aslam se oferece no lugar de Edmundo, Jesus é apresentado como aquele que assume a culpa de outros, pois como afirma o profeta Isaías falando sobre Jesus: “Mas ele foi ferido por causa de nossa rebeldia e esmagado por causa de nossos pecados. Sofreu o castigo para que fôssemos restaurados e recebeu açoites para que fôssemos curados.” (Isaías, 53:5). Nessa passagem, o profeta fala acerca do Messias (Jesus), e torna-se evidente a semelhança com o leão, em que o mesmo se oferece no lugar de Edmundo, tomando sobre si a condenação que cabia ao rapaz.

Outro texto bíblico que contribui para estabelecer essa comparação é um versículo da segunda carta escrita pelo apóstolo Paulo aos coríntios: “Pois Deus fez de Cristo, aquele que nunca pecou, a oferta por nosso pecado, para que por meio dele fôssemos declarados justos diante de Deus” (2 Coríntios, 5:21). Portanto, essa relação pode ser melhor embasada quando lemos um outro livro de Lewis, chamado Cristianismo puro e simples, em que ele declara que “Dizem-nos que Cristo foi morto por nós, que sua morte apagou nossos pecados e que, ao morrer, ele derrotou a própria morte. Essa é a fórmula. Isso é o cristianismo.” (Livro II, cap.4), ou seja, para

o autor, a morte de Jesus foi uma morte vicária, assim como vemos na morte de Aslam.

Quanto à vitória sobre a morte, Aslam afirma para as duas garotas sobre a ignorância da Feiticeira acerca de uma magia ainda mais profunda do que a que ela conhecia. Ele diz que:

A feiticeira pode conhecer a Magia Profunda, mas não sabe que há outra magia ainda mais profunda. O que ela sabe não vai além da aurora do tempo. Mas, se tivesse sido capaz de ver um pouco mais longe, de penetrar na escuridão e no silêncio que reinam antes da aurora do tempo, teria aprendido outro sortilégio. Saberá que, se uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e a própria morte começaria a andar para trás... (Lewis, 2009, p. 174-175).

Nesse trecho da obra, podemos observar que ele declara que a morte passa a recuar, com isso demonstrando que nem mesmo a morte tem poder sobre Aslam, e que ele é maior do que a morte, sendo ele o grande triunfador.

A Bíblia fala claramente sobre a vitória de Jesus sobre a morte como está escrito na primeira carta aos coríntios, em que o apóstolo Paulo faz uma referência a um texto do profeta Oséias (em que, no contexto do livro do profeta, ele fala sobre a vinda de alguém que viria para resgatar o seu povo da morte), dizendo: Então, quando o nosso corpo mortal tiver sido transformado em corpo imortal, se cumprirá a passagem das Escrituras que diz: ‘A morte foi engolida na vitória. Ó morte, onde está sua vitória? Ó morte, onde está seu aguilhão?’” (1 Coríntios, 15:54-55). O texto em destaque faz menção à vitória de Jesus sobre a morte, vitória conquistada na cruz, quando Jesus ressuscitou, provando que ele é maior que a morte, e ela não tem mais domínio sobre ele.

No livro *Milagres*, Lewis descreve a ressurreição como o momento decisivo da história e a vitória triunfante de Jesus. No livro, a ressurreição é apresentada como o evento central do cristianismo, no qual a morte, vista como o destino mais temido da experiência humana, é enfrentada e vencida, abrindo uma nova possibilidade de vida para toda a humanidade (Lewis, 2009). Sendo assim, fica claro o entendimento de Lewis acerca desse assunto e que, para o autor, Jesus venceu a morte, assim como Aslam a venceu, como é narrado na obra analisada. Xavier (2022) reforça essa análise ao descrever a ressurreição de Aslam como o clímax da redenção narniana, um evento que não apenas salva Edmundo, mas restaura a ordem cósmica, espelhando a centralidade da ressurreição de Cristo na teologia cristã.

Outro exemplo notável está no final do livro, ocorre dentro do castelo de Cair Paravel (pertencente ao mundo de Nárnia), onde, depois da vitória de Aslam sobre a Feiticeira, os quatro irmãos são coroados por Aslam em meio à assembleia reunida por todos os seus amigos (os moradores de Nárnia que faziam parte do seu ciclo de amizade), sendo o espaço estabelecido em ordem e solenidade, e foram todos sentar-se em seus tronos, sendo aclamados por todos que estavam ali presentes (Lewis, 2009, p. 183).

Todos receberam ordens de Aslam para honrarem os novos reis e rainhas de Nárnia. De acordo com a cena em questão, nota-se que os simples súditos, provenientes de outro mundo, tornaram-se reis e rainhas, assumindo uma posição de governo dada pelo próprio Aslam (que é a figura principal do livro, sendo dotado de maior poder na narrativa), o que nos revela a possibilidade de pessoas, sem o mínimo de vínculo com a realeza de um lugar, ser elevados a reis.

Em concordância com essa noção de pessoas sendo coroadas mesmo não pertencendo à realeza, observam-se na Bíblia textos que apresentam uma visão semelhante à exposta, por exemplo, o texto de Apocalipse em que é louvado em um cântico o seguinte: “Tu fizeste delas um reino de sacerdotes para nosso Deus, e elas reinarão sobre a terra.” (Apocalipse, 5:10).

Esse versículo fala sobre o reinado dos cristãos, que eles terão com Cristo quando Ele restaurar a terra, semelhantemente acontece em Nárnia quando os quatro irmãos e Aslam derrotam a Feiticeira e eles são estabelecidos em um novo momento daquele mundo, um mundo sem a presença dela para os atormentar, assim como não haverá mais tormento para os cristãos quando Jesus restaurar a terra. Lira (2011) aponta que a coroação dos irmãos Pevensie como reis e rainhas de Nárnia é um forte paralelo com a promessa bíblica do reinado dos santos, onde os fiéis, antes simples mortais, são elevados a uma posição de autoridade e glória no novo reino de Deus.

Além desse texto, a Bíblia também menciona em outras passagens que “Felizes e santos são aqueles que participam da primeira ressurreição. A segunda morte não tem poder algum sobre eles, pois serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele durante mil anos.” (Apocalipse, 20:6), e ainda “Se perseverarmos, com ele reinaremos. Se o negarmos, ele nos negará.” (2Timóteo, 2:12). Ambos os textos retratam o que acontecerá com os cristãos depois da volta de Cristo, que é reinar juntamente com Jesus após a ressurreição dos seus corpos, o que pode ser compreendido como um paralelo ao que ocorre no livro.

Além disso, Lewis também coaduna com tal pensamento, pois retrata essa ideia em sua obra *O Peso da Glória*, na qual o autor sugere que o destino final dos cristãos envolve uma forma de glorificação que os insere na realidade divina, indicando uma participação futura que pode ser compreendida em termos de autoridade e dignidade espiritual (Lewis, 2017). Portanto, para ele, aqueles que creem em Cristo, no seu estágio de glorificação (em que eles estarão totalmente libertos do pecado), participarão com Ele em seu reinado, possuindo também autoridade, constituída pelo próprio Jesus, do mesmo modo que acontece em Cair Paravel.

Dessa forma, infere-se a presença da literatura bíblica na obra, perceptível por meio do conceito de intertextualidade cunhado por Kristeva, o qual elucida a capacidade de um texto absorver fragmentos de outros. No caso da obra analisada, ela possui relação com os escritos do cristianismo, contendo várias referências, explícitas ou implícitas, que podem ser evidenciadas quando colocadas em comparação com a literatura bíblica.

Como concluem Oliveira e Castro (2021), a obra de Lewis, embora classificada como infanto-juvenil, demonstra uma complexidade que desafia o leitor a desenvolver habilidades de interpretação, ao mesmo tempo que o instiga a refletir sobre questões espirituais profundas, tornando a leitura uma experiência de letramento literário e religioso. A análise de Rocha (2022) e Gonçalves (2015) converge ao mostrar que a intertextualidade bíblica não é um mero adorno, mas a própria estrutura que sustenta a moralidade e a teologia do universo narniano, tornando a obra um "mosaico de citações" sagradas. Da mesma forma, Lira (2011) e Xavier (2022) reforçam que a figura de Aslam e os eventos em Nárnia são recriações intencionais de arquétipos e narrativas cristãs, convidando o leitor a uma jornada de descoberta espiritual através da fantasia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a obra *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, de C. S. Lewis, a partir dos aspectos do simbolismo e da intertextualidade bíblica, presentes na narrativa. Com base nos resultados obtidos, constatou-se que a obra ultrapassa os limites de uma narrativa fantástica voltada apenas ao entretenimento, revelando uma construção literária marcada por símbolos e referências cristãs que contribuem para o aprofundamento de seus sentidos.

Dessa forma, o problema de pesquisa foi respondido, uma vez que a investigação demonstrou que os elementos simbólicos e bíblicos estão inseridos de maneira significativa e intencional no texto analisado. No que se refere ao simbolismo, observou-se que diversos elementos da narrativa assumem funções representativas, ampliando a interpretação da obra e permitindo diferentes leituras. Aspectos como o inverno permanente, o sacrifício de Aslam e o manjar turco oferecido a Edmundo evidenciam a presença de construções simbólicas que dialogam com questões morais, espirituais e humanas.

Além disso, verificou-se que o simbolismo empregado por Lewis se aproxima das concepções defendidas por autores simbolistas, especialmente no que diz respeito à sugestão de sentidos e à valorização de imagens que ultrapassam o significado literal.

Em relação à intertextualidade bíblica, constatou-se que a narrativa estabelece um diálogo direto com a tradição cristã, principalmente por meio da construção de personagens e acontecimentos que remetem à literatura bíblica. A figura de Aslam, por exemplo, apresenta fortes aproximações com a representação de Jesus Cristo, sobretudo nos aspectos ligados ao sacrifício voluntário e à vitória sobre a morte. Do mesmo modo, a trajetória de Edmundo e a representação da Feiticeira Branca reforçam a presença de referências ligadas à concepção cristã de pecado e maldade.

Assim, o objetivo geral proposto foi alcançado, tendo em vista que foi possível identificar tanto características do simbolismo quanto elementos de intertextualidade bíblica ao longo da obra. A pesquisa contribui para os estudos literários ao propor uma leitura analítica da obra de C. S. Lewis a partir de perspectivas simbólicas e intertextuais, evidenciando a relevância da literatura fantástica como espaço de construção de significados culturais e religiosos.

Entretanto, o estudo apresenta limitações por concentrar-se em apenas uma obra da série *As Crônicas de Nárnia* e por priorizar determinados aspectos interpretativos. Dessa maneira, sugere-se que pesquisas futuras ampliem a análise para outros livros da saga, bem como investiguem novas possibilidades de interpretação relacionadas à literatura comparada, à recepção da obra e às influências teológicas presentes na escrita de Lewis.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Tradução de Artur Morão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: Nova Versão Transformadora. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**: quatro ensaios. Tradução de Marcus de Martini. Campinas: É Realizações, 2014.
- GONÇALVES, Sabrina Rosa. O Intertexto Bíblico na Literatura: As Crônicas de Nárnia, de CS Lewis. In: **Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST**. 2015. p. 1504-1526. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/485/288> Acesso em: 24 fev. 2026.
- JEUNE, Simon. Literatura geral e literatura comparada. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**: Textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 219-240.
- KRISTEVA, Jeune. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LEWIS, Clive Staples. **As crônicas de Nárnia**: volume único. Tradução de Paulo Mendes Campos e Silêda Steuernagel. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- LEWIS, Clive Staples. **Cristianismo puro e simples**. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- LEWIS, Clive Staples. **Milagres**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LEWIS, Clive Staples. **O peso da glória**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- LEWIS, Clive Staples. **The collected letters of C. S. Lewis**. Vol. 3. Edited by Walter Hooper. San Francisco: HarperCollins, 1988.
- LIRA, Emanuel Ernandes Pereira de. O sagrado e a intertextualidade bíblica em “As crônicas de Nárnia”, de C. S. Lewis. **Leitura: Teoria & Prática**, [s. l.], v. 29, n. 57, p. 51–55, 2011. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/42>. Acesso em: 12 mar. 2026.
- MALLARMÉ, Stéphane. **Divagações**. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Editora UFSC, 2010.

OLIVEIRA, Ana Carolina Alves de Lima; CASTRO, Nilsandra Martins de. Simbologia e intertextualidade no livro “As Crônicas de Nárnia”. **Revista São Luís Orione**, Araguaína, v. 1, n. 16, p. 94-108, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://seer.catolicaorione.edu.br/index.php/revistaorione/article/view/217/153> Acesso em: 13 fev. 2026.

REMAK, Henry Herman Literatura comparada: definição e função. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**: Textos fundadores. Rio de Janeiro, 1994.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

ROCHA, Jeisilane Sousa. **A intertextualidade bíblica na obra As crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis**: uma análise dos contos “O sobrinho do mago” e “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”. 2022. 60 f. Monografia (Curso de Letras-Português) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/5384> Acesso em: 2 abr. 2026.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. Tradução de João Gaspar Simões. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

XAVIER, Lucas Lazzarotto. **A intertextualidade judaico-cristã nas Crônicas de Nárnia**: O Sobrinho do Mago e O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa, de C. S. Lewis. 2022. 126 f. Monografia (Licenciatura em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Vilhena, 2022. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/3788> Acesso em: 20 jan. 2026.